

Como isso afeta o Brasil

O principal problema envolve a nossa dívida externa. Os credores, em caso de agravamento da situação, estarão cada vez mais inseguros.

A queda de 22,5% na cotação das ações negociadas na Bolsa de Nova Iorque, prenúncio de um colapso no mercado financeiro norte-americano, aumenta a responsabilidade do Brasil, como integrante do sistema financeiro internacional, no sentido de evitar que a negociação da dívida crie problemas adicionais aos banqueiros, agora mais nervosos. O alerta é do professor de economia internacional da USP, Carlos Alberto Primo Braga, que também é pesquisador da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe). Embora o fenômeno tenha características muito semelhantes à crise de 1929, Primo Braga disse que hoje existem mecanismos como o Fundo Monetário Internacional, que tornam quase impossível a repetição da história. Mas se o remédio falhar, diz ele, virá uma recessão com repercussões mundiais.

O papel do Brasil, segundo Primo Braga, é trabalhar por seus interesses na negociação da dívida com o cuidado de não aumentar os problemas que os bancos estrangeiros já enfrentam hoje como decorrência da moratória. "US\$ 100 milhões a menos para um banco que não poderá contar com a cobertura do governo norte-americano, numa situação que embora não seja alarmante é no mínimo perigosa, significará um complicador a mais." A história de hoje, segundo o economista, lembra muito os antecedentes da crise de 1929, cujo pivô foram as facilidades de crédito criadas para que a economia se recuperasse das dificuldades da 1ª Guerra Mundial. A oferta de crédito foi tanta, diz Primo Braga, que gerou-se um fosso entre a economia real e a fantasia.

A situação atual, explica Primo Braga, decorre de um processo de ajuste brusco de ativos financeiros superinflacionados. Embora o dólar tenha sido bastante desvalorizado de fevereiro de 1985 até hoje, segundo Primo Braga, há estudos que mostram que a moeda norte-americana precisaria ser desvalorizada em 40% em relação ao iene, para se aproximar da cotação de 1979, quando a balança comercial dos Estados Unidos estava equilibrada. A comparação com a moeda japonesa se explica, segundo o economista, devido ao enorme superávit comercial do Japão e também porque grande parte do déficit norte-americano é fruto da importação de produtos japoneses.

Este desajuste, afirma Primo Braga, causa um certo nervosismo nos investidores estrangeiros, que a qualquer momento pensam em torrar as ações adquiridas de empresas norte-americanas, na Bolsa, antes que o dólar entre em queda livre. Este processo pode ter se iniciado agora, diz ele, provocando a queda que vem sendo registrada desde sexta-feira, podendo prolongar-se por mais alguns dias. A situação é preocupante, no entender do economista, mas ele acha que não há motivos para pânico.

Para evitar o colapso, algumas decisões terão que ser tomadas rapidamente pelo governo dos Estados Unidos, segundo Primo Braga. Uma delas é a contenção do déficit público para diminuir a pressão sobre as taxas de juros. Com isto, estaria garantida também a segunda medida, que é a garantia de juros baixos a fim de que as empresas que tiveram suas ações desvalorizadas na Bolsa possam contar com dinheiro barato para não quebrarem. Mas o que vai garantir mesmo a manutenção do dólar em níveis compatíveis com o funcionamento da economia, na opinião do Primo Braga, é a cooperação que existe entre as grandes nações capitalistas, interessadas em evitar o pior. O FMI e o Banco Mundial também podem ser acionados.

Maroni J. da Silva

Ameaça: nossos produtos poderão ter os preços aviltados.

O Brasil poderá ser uma das principais vítimas do quadro recessivo que atinge os Estados Unidos, refletido pela queda de 32% registrada na Bolsa de Valores de Nova Iorque, nos últimos dois dias úteis. É o que se depreende da explicação sobre o atual momento do mercado financeiro mundial, feita pelo especialista Durval de Noronha Goyos Júnior, da Noronha Advogados.

São quatro os principais efeitos e consequências que o fato poderá trazer à economia brasileira:

1) Por ser atrelado ao dólar, o cruzado acompanhará a extrema desvalorização da moeda norte-americana. Os nossos produtos primários e manufaturados cotados em dólares, passarão a ter seus preços aviltados para o mercado externo. Ao mesmo tempo, o Governo não contará mais com poupanças externas para investimentos, passando a depender da criação de recursos próprios.

2) Como 33% das nossas exportações se destinam aos Estados Unidos, o comércio exterior será afetado. O atual estado de coisas da economia norte-americana é propício à criação de medidas protecionistas. Setores industriais daquele país, como o siderúrgico, requererão incentivos para se tornarem competitivos a nível mundial.

3) O relacionamento com outros parceiros comerciais deverá alterar-se. Vários países, como a Alemanha Ocidental, importam do Brasil em decorrência do superávit comercial que mantém os Estados Unidos. A queda desse superávit gerará uma redu-



Noronha: 4 efeitos.

ção acentuada na compra de produtos brasileiros.

4) Crescerão as taxas de juros do mercado norte-americano, para incentivar nova captação de recursos externos, retirados da Bolsa de Nova York desde sexta-feira. O volume global da nossa dívida externa aumentará na mesma proporção. Os juros domésticos brasileiros também crescerão a taxas ainda incalculáveis.

Escassez de recursos

Enfim, a balança comercial será duramente afetada, num momento em que o governo se alegrava por sua gradativa recuperação. A queda do superávit representará a continuidade da moratória técnica, pois permanecerá escassos os recursos para o pagamento dos juros da dívida externa. Enquanto não se souberem os efeitos e a extensão exata do que ocorre na economia dos EUA, que são o carro-chefe da economia mundial desde 1910, não haverá dinheiro novo para refinanciamento da própria dívida. Como disse Dorival Noronha Goyos Júnior, "diante da magnitude do problema norte-americano e seus efeitos a nível mundial, a situação brasileira adquire um caráter de insignificância na ordem mundial". Isto quer dizer: no **salve-se quem puder**, vivido neste momento pela economia mundial, os brasileiros **que se virem** para acertar sua balança de pagamentos e reordenar sua economia.

Segundo ele, Teerã usará todos os seus meios, "através do mundo", para responder à ação norte-americana. Suas advertências coincidiram com a divulgação de uma carta enviada à redação da agência **Ansa** em Milão, na qual um grupo desconhecido até agora, denominado "Corpo de Guardiães da Revolução Islâmica-Europa", ameaça atacar "os subterrâneos e as centrais nucleares dos países ocidentais" com gases venenosos, em resposta à "invasão imperialista do Golfo Pérsico". (A carta, escrita em inglês, foi despachada no dia 13 de outubro em Rijeka, na Iugoslávia, e os autores afirmam que mandaram mensagens idênticas às agências **Reuter**, em Londres, e **France Presse**, em Paris; segundo a **Ansa**, fontes iranianas consultadas comentaram que talvez se trate de "uma provocação para prejudicar as relações entre Irã e Itália".)

"Resposta moderada"

O porta-voz da Casa Branca, Marlin Fitzwater, leu uma nota oficial em que o presidente Ronald Reagan afirma que "a ação contra a plataforma militar iraniana foi lançada depois de consultas aos dirigentes do Congresso e aos países amigos".

"Foi uma resposta prudente e moderada a esse uso ilegal da força contra os Estados Unidos e a numerosas violações dos direitos dos outros países não-beligerantes. Trata-se do exercício legal do direito de auto defesa contido no artigo 51 da Carta das Nações Unidas, notificado ao presidente do Conselho de Segurança da ONU. Os Estados Unidos não querem um confronto militar com o Irã. Mas o governo iraniano não deve se iludir quanto à nossa determinação e à nossa capacidade de proteger nossos navios e nossos interesses contra ataques não provocados".